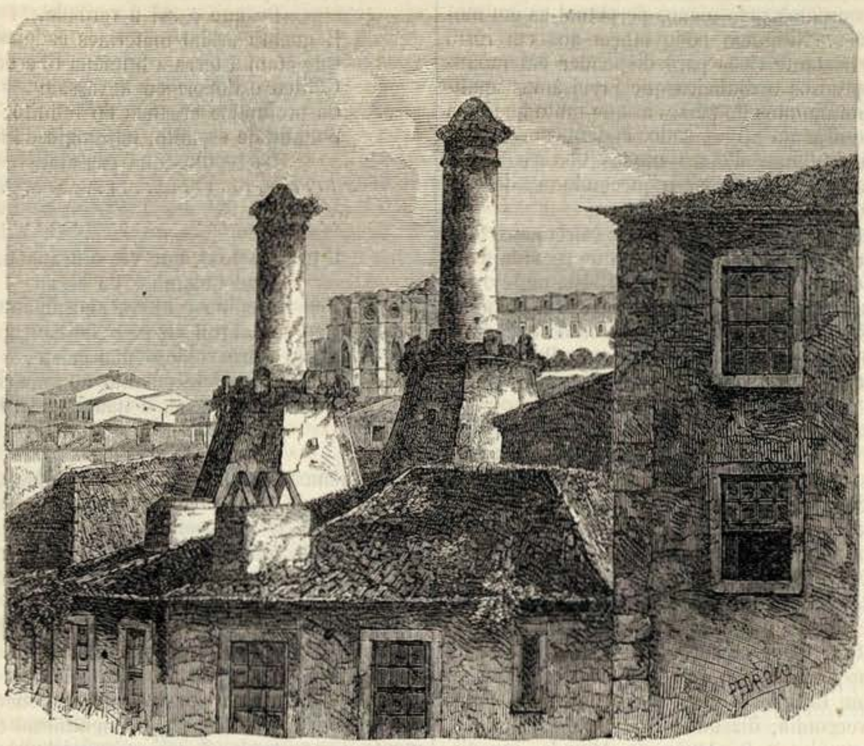
LISBOA



Padrões da conjuração de 1640

Que successo póde haver na vida das nações mais digno de ser commemorado por um eterno monumento, que o da sua libertação de um jugo estranho e tyrannico? E todavia já são passados 224 annos depois que o esforço generoso de um punhado de homens libertou Portugal da mais dura e ignominiosa oppressão, e ainda se não ergueu em parte alguma do reino um padrão publico d'esse patriotico feito!

Os monumentos commemorativos das acções illustres e gloriosas não são um invento da adulação para satisfação da vaidade. Tem mais nobre origem, e fim mais elevado. São ao mesmo tempo um acto solemne da gratidão publica, para com os que bem mereceram da patria, e um estimulo constante de heroicos feitos aos presentes e aos vindoiros.

O amor da terra que nos serviu de berço nasce naturalmente no coração do homem. Enraiza-se e cresce com a edade, á maneira que se desenvolvem e robustecem os vinculos e amor da familia. Porém, aquelle sublime impulso que leva o homem a desprender-se de todas essas affeições, sacrificando-as no altar da patria, só rompe espontaneo, salvo raras excepções, e abstrahindo da carreira militar, onde a disciplina e a honra se levantam acima de tudo, só rompe, dizemos, quando o instiga o premio moral e physico, ou quando a intima alliança das leis com os costumes publicos tem gerado e disseminado no povo as virtudes civicas.

Entre nós faltam, desgraçadamente, todas estas condições. Não queremos traçar o quadro comparativo do nosso estado, com o das nações onde o premio moral e physico exerce todo o seu poder e prestigio. Lamentando o facto, apenas pretendemos apontar, como uma das causas do mal, este nosso desleixo em perpetuar os successos de gloria nacional, e as grandes acções civicas, por meio de padrões expostos aos olhos de todos.

N'este desleixo todos somos culpados, governo e governados. Quando se trata de commemorar e honrar um nome que a Providencia vinculou a um grande feito, acha-se só em campo, ou quasi só, o auctor da lembrança, por mais que se afadigue em lhe dar realidade, e por mais que aquelle nome resplandeça entre as glorias de Portugal.

Bem colossaes são os vultos do infante D. Henrique e de Vasco da Gama, não só em relação a nós, nação hoje pequena e fraca pelo amortecimento de seus brios e esforço; mas tambem colossaes na historia geral dos povos civilisados, porque todos lhes devem, sem excepção, a prosperidade que usofruem, cujos alicerces são os descobrimentos intentados e levados a effeito pela corajosa perseverança d'aquelles dois illustres portuguezes. E todavia, quando, não ha muitos annos, alguns bons patriotas se lembraram de promover a inauguração de dois monumentos a esses dois homens que nos deram tanto em gloria e territorios, que a nossa incuria e desmazelo ainda não conseguiram marear-lhe inteiramente o brilho, e eliminal-os dos mappas da monarchia, viram baldadas todas as suas diligencias. E não se pense que propunham a erecção de monumentos sumptuosos. Limitavam-se os seus pensamentos e desejos a verem levantadas duas simples estatuas sobre modestos pedestaes nos logares historicos de Belem.

Camões, não obstante chamarmos-lhe *principe dos poetas portuguezes*, e contarem-n'o as nações estranhas entre os quatro maiores épicos que tem apparecido no mundo, ainda hoje não teria em construcção um monumento se não fôra o patriotismo dos nossos irmãos de além mar.

Mas, em fim, pois que começámos a pagar dividas de honra e gratidão nacional, não afrouxemos no empenho. Se não podêmos ostentar em custosas obras de arte essas honradas memorias do nosso glorioso passado, procuremos pelo menos perpetual-as em modestos padrões. Ninguem póde lançar-nos em rosto não sermos bastante ricos para dispender em monumentos sumptuosos o dinheiro que precisâmos applicar aos melhoramentos do paiz, em que tanto ha ainda para fazer de urgente necessidade. Podem, porém, accusar-nos de indignos d'esses nossos heroicos antepassados, porque parecemos, esquecendo-os, desprezal-os.

O que havemos de responder ao estrangeiro que nos perguntar onde está a memoria que recorda a revolução do dia 1.º de dezembro de 1640; onde o padrão em que estão inscriptos os nomes d'esses arrojados conspiradores que, ousando affrontar o poderio da Hespanha, conseguiram fazer resurgir Portugal do tumulo em que jazem tantas nações que foram independentes e poderosas?

Não temos outra resposta senão mostrarmos dois pequenos e humildes padrões, em fórma de torres ameiadas, construidas de tijolos, e levantadas sobre o telhado da casa de um dos conjurados; e mais além, no fundo de um jardim da mesma casa uns azulejos com figuras representando os seis primeiros conspiradores, e decorando as paredes de um pavilhão, occulto entre altos muros e sob a copa de antigas arvores, onde aquelles seis homens faziam escondidamente as suas conferencias. [1]

E se a resposta o não satisfizer, e desejar saber quem mandou fazer esta memoria, passaremos então por maior vergonha, dizendo que, se possuimos isso mesmo, devemol-o a D. Antão de Almada, um d'aquelles seis conjurados, que assim commemorou no seu proprio palacio o feito grandioso da restauração do reino, assignalando tambem o logar historico onde foi planeada tão temeraria empreza.

Entretanto, a maior parte dos habitantes de Lisboa ignora a significação d'aquellas torrinhas, erguidas sobre a frente do palacio dos srs. condes de Almada, descendentes de D. Antão de Almada, a qual deita para as escadinhas da Barroca.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TRES POETAS

(Conclusão. Vid. pag. 358)

J. G. LOBATO PIRES

A segunda poesia, de que tenho que me occupar, intitula-se o *Universo*. Apesar de ser muito notavel, parece-me, comtudo, ser de todas a mais inferior. O assumpto era para fazer desmaiar os animos mais arrojados, as inspirações mais vigorosas. O poeta desfalleceu perante a grandeza da epopéa que tinha de emprehender. Soares de Passos, de mais a mais, tinha já percorrido o mesmo estadio, e, ainda que tivesse encarado a questão antes pelo lado philosophico do que pelo lado astronomico, comtudo, tinha-a tratado n'uma tal altura que era difficil seguir-lhe as pisadas, ou chegar ao mesmo ponto, caminhando de outra maneira. Lobato Pires resumiu muito a poesia; é a mais pequena das tres. Desdenhou, por conseguinte, o effeito novo que podia encontrar na contemplação scientifica do firmamento. Fez um esboço onde devia fazer um quadro! Extasiou-se mais perante as descobertas do homem, do que perante os prodigios do Omnipotente. Com effeito, as duas estrophes melhores da poesia são aquellas em que elle pinta os arrojos dos grandes pensadores. Eil-as:

Platão páira entre os orbes das idéas,
De que é sol a verdade,
E quebra assim materiaes cadeias
Que atam á terra a humana liberdade.
Galileo e Copernico devassam
Os profundos arcanos do infinito;
Soltam, de espanto, harmonioso grito
Os seculos que passam.

....

....

E tu Herschell, que vês o firmamento,
Qual Colombo, do espaço!
Teu intrepido e altivo pensamento
Não se dobrou ao peso do cançaço?
Como Icaro vaidoso não caiste,
Da humanidade envolto no sudario?
No mar dos ceos, ó nauta temerario,
Responde-nos: que viste?

Cheguemos, finalmente, á *Humanidade*.

Esta poesia foi de certo inspirada pela leitura da *Profissão de fé do seculo* XIX. O plano d'este livro monumental, resumido, apertado nos limites de um poemeto, é o plano da *Humanidade*. O poeta não estragou a idéa do grande prosador.

Esta poesia só por si bastava para justificar os maiores elogios que se podessem fazer a Lobato Pires.

O Genesis pela sciencia, sem ser uma impiedade, como falsamente se diz, porque a concordancia da Biblia com as descobertas scientificas está amplamente demonstrada, é um manancial de poesia inesgotavel para quem a souber aproveitar. A progressão seguida no Genesis do ente inorganico para o organisado, e d'este para o que vive, e do que vive para o que pensa; a terra, emanando do sol, e girando candente no espaço; em fim, a interpretação racional, scientifica e religiosa da Biblia, é mil vezes mais poetica do que a interpretação grosseira do vulgo, que reduz a obra agigantada de Deus ás vulgares proporções d'um trabalho puramente humano.

O segundo capitulo de Eugenio Pelletan, poema admiravel, um dos mais brilhantes trechos de prosa que se encontram na lingua franceza, revelou-nos os thesoiros que existiam nas paginas da Biblia, que esse mineiro infatigavel, que se chama a sciencia, desentranhou e veiu expor á luz do dia.

Lobato Pires entendeu, e entendeu bem, que a poesia metrificada tambem podia lucrar, se encarasse a questão por esse lado, e que a descripção do Genesis scientifico, ajuntando ao esplendor da phrase a harmonia dos sons, podia formar uma bella pagina poetica. Emprehendeu elle mesmo a obra, e nunca a inspiração lhe veiu tão facil, nunca as palavras energicas, deslumbrantes acudiram tão doceis a moldar-se a idéas tão elevadas! Nunca em fim elle encontrou um tom tão magestoso como no exordio d'essa bella poesia a *Humanidade*, a qual, apressemo-nos a dizel-o, é digna do exordio.

Echoava inda nos ceos o verbo ardente,
Que os soes illuminára;
Arquejando, o universo escandecente
Sorria á estranha aurora em que acordára.
Quando do igneo vapor, que o sol vomita,
A terra se formou no espaço ovante,
E, grata á creação, de amor radiante,
Sobre o ser, que a gerou, treme e gravita.

Metamorphose immensa! O que era fumo
D'esses volcões solares

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 289 do vol IV.

Véste rotundo aspecto, e cede ao rumo
Que a força traça nos ethéreos mares.
No horoscopo grandioso dos planetas,
N'esse hymeneu das fórmas e das côres,
A Deus o espaço e o tempo erguem louvores,
Vendo-se feitos eternaes athletas.

Confundidos n'um globo os elementos,
Aguardavam o instante
Em que os espaços, de fulgor sedentos,
Esfriassem a terra caminhante.
Chega o momento, e a chimica em seu throno
Vishnú da creação empunha o sceptro;
Surge a electricidade, ingente espectro,
E os elementos acordou do somno.

Eis-que do gaz vital o braço ethéreo
O hydrogeneo cinge;
Rompem mares, palpita o fluido aéreo;
O sol campeia como no ermo a esphinge.
Eis-que o igneo leão, rugindo em breve,
Sobre as aguas espuma lava ardente,
No mineral nascido o Omnipotente
Do extincto chaos o epitaphio escreve!

Que magestade! Que elevação de pensamentos! Que abundancia de imagens! E que opulenta phantasia possuia quem traçava estrophes como as que apresentei aos olhos do leitor.

Depois do mineral, o ser inorganico, brota o vegetal, depois do vegetal o animal. O mundo recemnascido, vive, palpita, anima-se, e do perfume das flores, do cantico das aves, do rugido das feras, se fórma o primeiro hymno de gratidão, que da terra se eleva ao seio do Omnipotente. Mas falta uma voz no concerto universal. A creação, esphinge pavorosa, propõe o immenso problema, sem ter quem procure resolvel-o. A creatura é a emanação, e não o reflexo do Creador. Surgiu o homem, e a creação completou-se.

Vejam, resumida n'uma estrophe só, esta bella descripção do paraiso.

Da larangeira em flor a fresca sombra
Debruça-se no lago;
Orla as montanhas perfumada alfombra,
Loureja a vide em seu nascente bago;
A abelha, no adejar louco, indeciso,
Guarda o mel nas selvaticas redomas;
Entre fulgóres, musicas e aromas,
Adão louva o Senhor no paraiso.

O Omnipotente sentíra-se isolado no meio da Creação. Não havia um ente que podesse comprehendel-o, e comprehender a sua obra. Creou o homem, a quem deu um raio da sua omnipotencia. Pela sua vez este se sente tambem isolado. Não tem elle tambem um ente que o comprehenda, e a quem possa confiar a admiração que lhe trasborda do peito. Foi então que surgiu a mulher. Ao homem dera Deus um raio de sua omnipotencia, á mulher deu um raio da sua bondade. É á mulher que o poeta dirige esta magnifica apostrophe, cheia de mimo e de enthusiasmo:

Tu foste, ó Eva, a encarnação sublime
Do aroma e da harmonia;
Em harmonias teu amor se exprime,
Aromas teu sorriso nos envia;
Da terrena e celeste formosura
Tu foste a apotheose mysteriosa;
Tens na face o pudor da fresca rosa,
Tens n'alma o fogo da eternal ventura.

Extincto nas trevas da desobediencia esse brilhante sonho do paraiso terreal, começa a verdadeira vida da humanidade. O poeta faz-nos seguir rapidamente as suas differentes phases, caracterisando cada uma d'ellas com uma concisão e com um vigor notaveis, envolvendo sempre a apreciação philosophica no deslumbrante manto da sua phantasia.

A humanidade, dispersa em tribus peregrinas, nómada por necessidade, é obrigada tambem a concentrar a sua attenção na existencia material. Entre o rude caçador e o animal feroz, que prostra para saciar o seu appetite, não existe grande differença. O raio divino da intelligencia, abafado pelas preoccupações materiaes, projecta apenas uma tenue luz nas trevas do primeiro cyclo da humanidade; mas transforme-se a tribu nómada na tribu pastoril, vele o caçador, transformado em guerreiro, pela segurança do grupo social que se abriga debaixo do docel fluctuante da tenda, e logo a intelligencia brilha de novo, afastando as trevas que a envolviam, e o pastor chaldeo, nas solidões da Asia, procura soletrar as letras de oiro d'esse poema cujas estrophes se succedem sem interrupção, e onde a mão de Deus parece não ter jámais escripto a palavra «fim». A tribu reune-se com a tribu, e forma a cidade. Á gigante e rude civilisação índica succede a grandiosa civilisação do Egypto.

Tyro, a soberba Tyro, se levanta.
A nautica sibylla
Contempla os mares, cuja voz espanta,
Sobre seu throno mádido de argila.
Converte-se em cidades a cabana;
Abre o compasso o mysterioso Egypto,
Legando-nos, em moles de granito,
O symbolo, a raiz da sciencia humana!

Vacillante a humanidade, saída apenas da infancia, procura um ente superior á sua fraca natureza, onde possa encontrar abrigo quando perseguida, consolação quando afflicta. Os seus olhos, costumados ás trevas, não podem fitar o sol da eterna verdade; é na sua esphera que elles procuram quem possam promover ao encargo de divindade. Cultos, cada qual mais monstruoso, se succedem e atropellam. Só dois povos aspiram para o progresso: um pelo caminho do bom, outro pelo caminho do bello. O povo hebreu adora o Deus unico e justo, o espirito, em fim; prepara a civilisação moral. A Grecia adora uma multidão de deuses, risonhos, condescendentes, a materia divinisada prepara a civilisação material. Conserva-se a Palestina austera e isolada. A Grecia espalha pelo orbe conhecido os missionarios da sua civilisação. Surge Roma, a conquistadora, e absorve o mundo. E o mundo, ébrio de delicias materiaes, presente vagamente que na sua requintada civilisação falta um elemento, sem o qual não tem solidez esse edificio. Surge o christianismo. Oiçamos o poeta.

Mas que tragedia horrivel se prepara
Na ingrata Palestina?
Que cruz é essa que o judeu alçára?
Que voz é essa que a piedade ensina?
Harpa terrena, os cantos emmudece!
Cobre a face, pranteia, ó caridade!
Maldita sejas, lugubre cidade!
Que sóltas a irrisão em vez da prece!

Treme Jerusalem das prophecias!
O psalmo de esperança,
Que entoaram David e Jeremias,
N'este momento a realidade alcança.
A fé, pura Vestal, inflamma a crença,
A sociedade os elos harmonisa,
Já o homem no homem um irmão divisa,
A mulher ama, goza, reina e pensa.

Este *fiat* escuta o mundo absorto,
O mundo das idéas;
Vendo uma cruz a campeiar n'um horto,
A crença quebra idólatras cadeias;
O mundo novo exulta fulgurante,
E o mundo antigo, Laocoonte ingente,
Ha de sentir a boreal serpente
Enrolar-se-lhe ao corpo agonisante.

A agonia da Roma imperial prolonga-se na devassidão! o estertor disfarça-se com os gritos da orgia, da orgia pavorosa dos Sardanapalos e dos Neros, da orgia de vinho e de sangue! Mas a hora soára: era preciso, ó Roma, que curvasses o joelho ás hostes selvagens do Norte, para que, como diz o poeta,

A marcha do progresso altivo
Não encontrasse teus soberbos muros.

A semente do christianismo, lançada no espirito dos barbaros do Norte, ha de levar tempo a germinar. É rude a terra e inculta! A luz do Golgotha figura isolada no meio das trevas dos conhecimentos humanos, e, apesar da sua efficacia, durante muito tempo ha de luctar para conseguir a victoria. A seita sensual e guerreira de Mahomet vem a ponto de salvar a arca da sciencia, e de a conservar nas suas mãos profanas até que as cruzadas involuntariamente lh'a arrebatam. Começa então esse cyclo glorioso, que se chama a Renascença. São admiraveis as duas estrophes, com que Lobato Pires descreve o preludiar d'essa magnifica symphonia litteraria do seculo XVI.

Já da Germania a musa merencoria
O Niebelungen canta;
Como um *vale* tremendo á finda historia
Do barbaro que ainda a vista espanta,
Do meio dia a inspiração gigante,
Sábia e guerreira, ascetica e soturna,
Enche em nova Castalia nova urna,
E a sêde mata ao vingativo Dante.

Baixa a cerviz Bysancio ao jugo fero
Do turco audacioso;
E os penates de Apelles e de Homero
Recebe a Italia no seu lar grandioso.
Murmura o Mincio a recordar Virgilio,
Brinca nas auras de Petrarca a trova,
Succede á Italia antiga a Italia nova,
Como á ode guerreira ameno idyllio.

A invenção da imprensa, *Daguerre centimano*, succede a descoberta da America! A descoberta do novo mundo a descoberta de milhares de mundos escondidos no espaço, que tanto vale e ha de valer a descoberta do telescopio! A Colombo succede Galileo! Depois vem Luthero semear a discordia no gremio christão, rasgar a purpura pontifical, e fazer oscillar o throno dos papas!

Silencio! não se acorde o esquecimento
Acordando os phantasmas da vingança.
Olhae! no espaço a humanidade avança
Ás trevas entoando audaz memento.

Chega o seculo XVIII. O grito da liberdade corre de um a outro hemispherio. Washington, a um aceno, transforma um povo de cultivadores n'um povo de soldados! a revolução franceza, volcão cujas torrentes de lava arrasam as terras sobre que se arrojam, mas que as fertilisam, rebenta sobre as ruinas da Bastilha, e, fazendo ondear o pendão tricolor, lança aos quatro ventos cardeaes a palavra ardente de Mirabeau.

É livre o homem, livre o pensamento,
A Biblia do progresso o mundo escuta;
A velha monarchia anceia e nuta,
Pomo corrupto que desfaz o vento.

Dois passos mais, e estamos no seculo actual. Então o poeta pára, e, contemplando a luz do presente, saúda com um grito de entusiasmo o progresso fecundo, o Nestor da humanidade.

Nós paremos tambem. Chegámos ao fim da nossa tarefa. Chegámos ao peristylo de um edificio que devia ser magnifico, e temos que estacar a ver o seu desabamento!

Como vêem, a *Humanidade* é uma poesia muito e muito notavel. A reputação de um poeta faz-se com ella. A inspiração não afrouxa nunca, e conserva-se, desde o principio até ao fim, nobre, grandiosa e elevada.

Cerremos aqui este estudo sobre Lobato Pires, o ultimo dos tres poetas cuja apreciação tentámos. Possam estas poucas linhas attrahir a attenção de outro mais competente do que eu, que se lembre, para os desaffrontar, de lhes erigir um monumento digno d'elles.

M. PINHEIRO CHAGAS.

BRAGA

CAMPO DE S. THIAGO

Dá o nome a este campo[1] a egreja parochial de S. Thiago da Cividade, que lhe fica proxima.

Do lado do norte d'esta pequena praça está o antigo collegio de S. Paulo, que pertenceu aos jesuitas, e junto d'este, formando um angulo da praça, ergue-se da parte de oéste uma das torres da cerca de muralhas da cidade.

Fundou este collegio o sabio e veneravel arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres no anno de 1560. Dizem que o seu pensamento quando lançára a primeira pedra nos alicerces, era edifical-o para os religiosos da sua ordem dominicana; porém que, presenciando os bons serviços que estava fazendo a nascente companhia de Jesus á religião e á educação da mocidade, e desejando instituir alli uma especie de universidade, fez doação do convento aos jesuitas. O que é certo é que estes tomaram posse d'elle, apenas se concluiu, e logo abriram aulas, correndo o anno de 1561.

Foi primeiro reitor d'este collegio o beato Ignacio de Azevedo, natural do Porto, e representante das nobilissimas casas de Azevedo e de Barbosa, que procedem do conde D. Sancho Nunes de Barbosa, e de sua mulher a infanta D. Theresa Henriques, filha do conde D. Henrique de Borgonha e da rainha D. Theresa.

O beato Ignacio de Avezedo, indo em viagem para o Brasil com outros missionarios, no anno de 1570, caíu em poder de um corsario calvinista francez, que o martyrisou junto á ilha da Palma, e a 39 companheiros seus, dos quaes 31 eram portuguezes, e 8 hespanhoes. São appellidados os 40 martyres jesuitas.

Depois da extincção da companhia de Jesus, em 1759, esteve occupado o collegio de S. Paulo, durante algum tempo, pelas religiosas franciscanas dos conventos de Valença e de Monção, que foram mandadas para alli, e mais tarde transferidas para outros mosteiros, instituindo-se n'aquelle um collegio de religiosas Ursulinas, para educação de meninas.

Ainda se conserva este collegio com a invocação *das Chagas*, proseguindo as religiosas no seu exercicio do magisterio com alumnas internas e externas; porém acha-se ao presente muito reduzido.

[1] Em Braga dão o nome de campos a todas as praças.

A torre contigua ao convento pertencia á cêrca de muralhas da cidade, fundada por el-rei D. Diniz, e reedificada por el-rei D. Fernando em 1375, pór occasião da guerra que sustentou com D. Henrique II, rei de Castella. Defendia esta torre a porta da dita cêrca chamada *de S. Thiago*, a qual ainda se vê na mesma torre, posto que tapada. Correspondia-lhe outra na parede da torre do lado do norte, e que tambem se acha tapada.

Na edificação do convento ficou servindo esta torre de campanario e casa do relogio, e ao mesmo tempo de mirante pelos lindos panoramas que descobre, e de passadiço por onde os jesuitas desciam ao grande pateo dos estudos, que é um claustro quadrado e cercado de arcos sustentados sobre columnas. Tiveram aqui os jesuitas cinco aulas de grammatica e humanidades, duas aulas com dois cursos de philosophia, e outra aula com duas cadeiras de theologia moral. Além d'estas tinham fóra do pateo, porém no mesmo edificio, uma eschola de primeiras letras, e doutrina christã. No anno de 1750 frequentavam estas aulas mais de mil estudantes.

Na parede da torre, que olha para o norte, está encostada e elevada sobre arcos uma linda capella dedicada a Nossa Senhora da Torre. A imagem da Virgem é muito antiga e formosa, e de muita devo-



Campo de S. Thiago em Braga

ção para os bracharenses, que a veneram como protectora de Braga nas calamidades publicas.

A parte baixa da torre foi aproveitada para serviço da irmandade da mesma Senhora, quando se construiu a capella, e como assim ficasse obstruida a porta de S. Thiago, foi esta substituida por uma que se vê no fim da frontaria do convento, e que se denomina *porta do Collegio*. Como todas as portas da cidade, tem esta do Collegio um retabulo pendente, em que está rapresentada a sagrada Eucharistia, pois que Braga preza-se de ser appellidada *cidade do Sacramento*, por quanto dizem ser a primeira na Europa onde se celebrou o incruento sacrificio.

O esbelto chafariz que se levanta no meio da praça, coroado pela cruz archiepiscopal, foi obra, ao que parece, do arcebispo primaz D. José de Bragança, filho legitimado del-rei D. Pedro II.

Por detraz do chafariz descobre-se a parte superior de outra torre dos antigos muros, a qual pertence actualmente á casa do sr. barão da Torre.

A rua que se dirige para oéste chama-se *do Alcaide*. A casa mais alta que no fim d'ella se avista, com duas janellas na frente lateral, é a da quinta das Carvalheiras, pertencente ao seminario dos orphãos, fundação do grande arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, que illustrou a cadeira primacial de Braga, no ultimo quartel do seculo passado, com as suas virtudes e saber.

A nossa gravura foi copiada de uma photographia do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM EPISODIO DE TORRES VEDRAS

I

É axioma theatral que o entremez deve succeder á tragedia, a farça ao melodrama. Que seria de nós se o horror campeasse sósinho no palco, se os monologos do tyranno e os berros das victimas nos perseguis-

sem até se apagar o lustre, e nos viessem ainda encher de phantasticos pavores o somno que nos espera benigna e pacientemente entre os alvos lençoes do leito de repoiso?

Parece que este axioma, tão verdadeiro no theatro, o é não menos na historia, porque, no panorama dos acontecimentos, succede invariavelmente um quadro comico a um quadro terrivel, como se a humanidade, oppressa pelo espectaculo do sangue derramado, dos crimes commettidos, e das guerras fratricidas, sentisse a necessidade de alegrar o espirito, e de afugentar as nuvens que lhe carregavam o horisonte com uma franca e sonora gargalhada.

Quando se falla em crimes e horrores historicos, acode logo a todos a idéa da revolução franceza. Raras vezes, effectivamente, a vertigem melodramatica se apoderou por tal fórma do espirito de uma nação, e poucos quadros tão tenebrosos conta, felizmente, a historia universal; se fosse dado á posteridade citar perante o seu tribunal as eras, da mesma fórma que cita os homens, o anno de 1793 sería riscado da lista dos seus irmãos, e uma moldura negra o substituiria, assim como, na galeria dos doges venezianos, um véo de lucto occupa o logar onde devia existir o retrato de Marino Faliero, o infeliz decapitado.

Pois bem, quando os francezes beberam a plena taça na platafórma da guilhotina, esse vermelho licor que os embriagava, quando a sua imaginação delirante se fartou de explorar todos os recursos sanguinarios de uma peça descabellada, quando se saciaram de horrores, quando os tyrannos fizeram desapparecer todos os grandes vultos da tragedia revolucionaria, e que d'esse mundo de personagens cheios de intelligencia e de enthusiasmo, que haviam irrompido e golphado em borbotões, como as lavas do volcão da liberdade, não restavam já senão os comparsas, a França entendeu que era tempo de descer o panno, e ás horridas scenas do terror succedeu o entremez do Directorio.

Aqui em Portugal dá-se tambem um facto, que demonstra a veracidade do principio que estabeleci. Tivemos uma epocha sombria! uma epocha de guerras civis, de luctas fratricidas, de odios politicos, durante a qual nos dilacerámos uns aos outros, sacrificámos no altar da discordia as mais nobres victimas, e derramámos no solo da patria, cujas messes arruinava a sacrilega irrigação, o melhor e mais puro sangue portuguez.

Foi uma epocha deploravel, e os malfadados annos de 1846 e 1847 são sempre recordados com pungente tristeza! Que sangue generoso que então se perdeu! e os braços tão necessarios para a solidificação do edificio constitucional, para a fecundação do campo do progresso, estavam occupados n'uma obra nefanda! Triste epocha, bem triste!

Finalmente veiu 1851, e o panno desceu! Findára o melodrama, era tempo de começar a comedia!

Tivemol-a effectivamente, e n'uns poucos de actos! e para mais divertida ser a farça com que nos entretivemos, foi a parodia do melodrama antecedente. Depois das revoluções tragicas, vieram as revoluções comicas!

Um dos actos d'essa comedia foi a revolta do Minho em 1862! O peior foi que os actores tomaram-n'a a sério, e de um lado e de outro houve as suas tendencias para o genero antigo! Felizmente aquillo ficou em brincadeira, mas não sem que houvesse victimas! A morte do major Vasconcellos, e a deportação passageira dos soldados insurreccionados revelaram um resto de predilecção dos artistas pelas peças tenebrosas! Em fim, diz o proverbio francez: *Tout est bien qui finit bien*.

É certo, porém, que, no momento em que o vapor *Estephania* da companhia União Mercantil, que Deus haja, levantou ferro, e desceu magestosamente a corrente do Tejo, levando a seu bordo o regimento de infanteria 16, do qual fazia parte a pessoa que escreve estas linhas, todos nós julgavamos que nos iamos cobrir de gloria, e que iamos derrotar legiões de rebeldes, que fugiriam espavoridos, acossados pelas nossas espadas victoriosas.

Em abono da verdade, devo dizer que eu apenas me cobri de poeira, e que entrei em duas batalhas, a primeira contra uma legião de zangãos enraivecidos, diante dos quaes fugi vergonhosamente ferido no cachaço pelos ferrões dos malditos; a segunda contra uma phalange de persovejos da estalagem de Santo Thyrso, que me pozeram em derrota ainda mais vergonhosa, porque d'essa vez deixei armas e bagagem no campo da batalha, e que só me dei por seguro, quando me apanhei ao ar livre, fóra do alcance dos meus terriveis vencedores.

Regressavamos de Guimarães para o Porto quando pernoitámos n'essa estalagem, predestinada para ser o meu Waterloo. Pernoitámos, não digo bem, porque á meia noite o tambor tocou a reunir, e os meus camaradas, saindo pallidos e cadavericos d'aquelle antro fatal, mostraram claramente nos rostos desfeitos, qual sería a minha sorte se quizesse imitar, como elles, a velha guarda, e sustentar intrepidamente o assalto das legiões sanguisedentas. O tambor salvára-os! Não escapava um só, se o rufo sonoro não vem a proposito colorir, com o pretexto do dever, a fuga despedida em que elles vinham.

A noite era tenebrosa. O silencio, que me dera azo a longas meditações sobre a influencia dos persovejos nos devaneios de gloria militar, fôra quebrado primeiro pelos toques do tambor, que os echos repetiam alegremente, depois por um abrir e fechar de portas, que revelava a promptidão com que o regimento inteiro desejava fugir aos guerrilhas dos leitos. Alguns habitantes da villa appareciam aqui e alli para nos ver passar. O meu estalajadeiro sorria-se com um sorriso malicioso, o que me fez suspeital-o de complice na minha derrota. Um fogo claro e alegre ardia lá dentro na cozinha. A noite de fins de setembro estava fria e escura. Não havia nem um sôpro de vento, mas o ar gelido e penetrante cortava que nem gume de espada. Os passos dos soldados resoavam na rua; os murmurios das suas conversações, interrompidas pelos bocejos, perturbavam o silencio da villa, muda por baixo do seu manto de trevas, como um frade do Bussaco sob o negro burel. As bayonetas, ao passarem diante da porta, que emmoldurava um quadro de fogo, chispavam reflexos luminosos que se extinguiam rapidamente, para se reaccenderem nas bayonetas seguintes, parecendo volteiar nos ares como um bando de pyrilampos.

Senti um calefrio, e olhei com voluptuosa saudade para o ridente brazido da cozinha. Depois relanceei os olhos para o horisonte, onde se carregavam trevas espessas. E, comtudo, tinha que me aventurar no seio d'ellas, e de deixar, para nunca mais o tornar a ver, esse quadro domestico de socego e de paz, de alegria e conforto. E quando eu estivesse lá ao longe, ao longe, quando me cercasse a noite com os seus lobregos terrores, quando a aragem fria do ultimo quartel nocturno segredasse ao meu ouvido o seu hymno de tristezas, a lareira havia de continuar a inundar de luz e de alegria o serão prolongado d'aquella pobre gente!

Não será este o quadro da vida? O viajante d'este arido caminho da existencia pára um instante n'algum d'esses deliciosos oásis, aquece as mãos regeladas na chamma do lar, e depois retoma o seu bordão, e, deixando atraz de si esse fanal, cuja luz esmorece no horisonte, continúa triste e só o seu pe-

regrinar, cercado de trévas, peregrinar cujo termo é a sepultura.

Fazendo estas reflexões, tinha-me posto a caminho, e chegára ao largo de Santo Thyrso. Tão silenciosas estavam as ruas convisinhas, quanto a praça estava cheia de murmurios e de risos.

O regimento, formado em columna cerrada, esperava ordem de marcha. Cada um contava ao seu visinho a historia do seu aboletamento, e as gargalhadas cruzavam-se, repercutiam nos ares, e, como passaros estonteados, iam bater nos vidros das janellas, espantando o estremunhado provinciano, que saía em sobresalto, e em roupas brancas, fóra da cama solitaria ou do leito conjugal.

Como já disse, estava sombria a noite, o que motivava a presença de uns poucos de archotes, que projectavam os seus clarões vacillantes n'aquella selva de bayonetas, purpureando os rostos folgazãos dos soldados, que se achavam dentro do seu circulo luminoso, e dando um aspecto confuso e lugubre á massa dos ultimos pelotões, envoltos em trevas, reforçadas pelas que o fulgor dos archotes espancára da sua proximidade.

Finalmente, os officiaes fizeram restabelecer o silencio, o commandante do regimento approximou-se, formou-se á sua voz a columna de marcha, e, flanqueados pelos archotes, abandonámos a villa de Santo Thyrso.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O CHANCELLER BACON

(Conclusão. Vid. pag. 359)

A grande obra philosophica de Bacon tinha o titulo, na apparencia ambicioso, de *Instauratio Magna*, como quem diria a grande renovação das sciencias. O seu intuito era abrir por alicerces á sciencia a observação e a experiencia; levantar depois o edificio pela *inducção*, racionalmente conduzida até que o espirito se elevasse ás mais felizes generalisações. A sua philosophia não era nem puramente empirica, porque o empirismo, desalluminado da rasão, não póde nunca descobrir o nexo dos phenomenos individuaes, nem dogmatica, porque a razão, por mais eminentes que sejam as suas faculdades, não póde nunca, imitando a arrogante e esteril pretenção dos puros idealistas, improvisar *á priori* o universo, e deduzir de noções *transcendentaes* o codigo das suas leis. O proprio Bacon define a indole da sua philosophia, quando por uma engenhosa comparação, segundo o seu estilo imaginoso e parabolico, nos diz: «Em quanto os empiricos, á similhança das formigas, se contentam com encelleirar e consumir; os racionalistas, á maneira das aranhas, de sua propria substancia urdem e fabricam suas têas. Melhor avisados andam os que seguem o meio termo, imitando as abelhas, as quaes posto que nas flores dos campos e dos jardins vão haurir seu alimento, por sua propria industria o digerem e transmutam. A obra da philosophia não é dissimilhante d'esta ultima; porque nem se ha de firmar exclusivamente nas forças da razão, nem ha de enthesoirar apenas na memoria a colheita que lhe dá a experiencia, antes a ha de transformar no entendimento. E é d'este pacto e concordia das faculdades racionaes e experimentaes (o qual ainda está por assignar) que devemos esperar o renascimento das sciencias». [1]

[1] Bacon *Nov. Organ.* Lib. I. Aphorism. xcv. p. 310. Ed. Francfort. 1665. «Qui tractaverunt scientias, aut empirici, aut dogmatici fuerunt. Empirici, formicæ more, congerunt tantum et utuntur. Rationales, aranearum more, telas ex se conficiunt. Apis vero ratio media est, quæ materium ex floribus horti et agri elicit, sed tamen eam propria facultate vertit et digerit. Neque absimile philosophia verum opificium est; quod nec mentis viribus tantum aut præcipue nititur, neque ex historia naturali et mechanicis experimentis præbitam materiam, in memoria integram sed in intellectu mutatam et subactam reponit. Itaque ex harum facultatum (experimentalis scilicet et rationalis) arctiore et sanctiore fœdere (quod adhuc factum non est) bene sperandum est».

Esta alliança devia ter por codigo a *Instauratio Magna*, de Francisco Bacon. Havia a grande obra de repartir-se em seis distinctos livros. O primeiro dos quaes veiu a lume sob o titulo *Da dignidade e progresso das sciencias* (De dignitate et augmentis scientiarum), ou tambem *Divisão das sciencias* (partitiones scientiarum), por que é n'este livro que Bacon divide em differentes ramos e vergonteas toda a arvore encyclopedica, sendo a sua primeira e mais geral divisão, em *historia, poesia e philosophia*, correspondendo ás tres faculdades: *memoria, imaginação e raciocinio*. O segundo livro foi egualmente concluido por seu auctor, e chama-se o *Novo Orgão* ou *Instrumento da Razão* (Novum Organum). A terceira parte da *Instauratio Magna* devia constar dos *Phenomenos do universo, ou historia natural e experimental para servir de fundamento á philosophia* (Phænomena universi sive historia naturalis et experimentalis ad condendam philosophiam). Esta parte deixára-a o auctor incompleta, ficando-nos sómente de muitas das suas divisões apenas o summario. A quarta obra, que havia de chamar-se a *Escala do entendimento* (scala intellectûs), conteria a exposição dos processos da razão humana applicada ás generalisações da theoria, cujos primeiros elementos deveria ministrar a historia natural e experimental. Restam sómente d'este livro alguns tratados. A quinta divisão da *Instauratio Magna* havia de ter o titulo de *Prodromos ou anticipações da philosophia secunda* (Prodromi sive anticipationes philosophiæ secundæ), e serviria de introducção á mais eminente de todas as secções, a qual seria appellidada *Sciencia activa*. As tres ultimas obras não passaram do plano á execução, e o edificio monumental que o velho chanceller começou a sagrar á moderna philosophia, ainda quando os seus altos officios e magistraturas o traziam quasi atado á gleba da politica, ficou truncado, infelizmente, e apenas de alguma das suas partes ha memoria em brevissimos summarios.

Francisco Bacon, este homem profundamente pensador, que renegando a erronea auctoridade e a falsa tradição philosophica, proclamava *que a natureza é um grande livro em cuja interpretação devemos começar pelo abecedario*, era certamente um dos mais ferteis engenhos que na edade moderna tem honrado a humanidade. Ha erros, muitos erros, nas opiniões que professava em muitos pontos das sciencias naturaes; Bacon, por exemplo, não acceita a theoria de Copernico sobre o systema planetario, mas a sua doutrina philosophica, póde affirmar-se afoitamente, é a primeira e a mais solemne emancipação do pensamento. O rasto de luz que deixaram as obras de Bacon e o seu nome, guiou os mais sublimes entendimentos. Newton aprendeu na sua doutrina e na sua eschola, e o proprio Locke vae prender nos memoraveis escriptos do chanceller a sua genealogia intellectual.

Os idealistas mais intrataveis no seu empenho de substituir á philosophia que medita cautelosa, a philosophia que delira impaciente, tem rebaixado a gloria do grande chanceller, e buscado confundil-o no vulgacho dos que cultivam apenas o bom senso. No juizo de Hegel [1], por exemplo, Bacon, sem deixar de ser o *principe dos philosophos experimentaes*, não pensou nem escreveu nada que fosse grande, profundo, especulativo. Foi esse justamente o alto pensamento do chanceller. Foi esse cabalmente o prestantissimo serviço com que elle favoreceu a ecclusão do pensamento, e fez raiar para elle a esplendida luz das verdades naturaes. Bacon não foi metaphysico no sentido a que hoje se chama *transcendental*. O abuso da metaphysica havia condemnado a edade média á mais lastimosa esterilidade. A Europa civilisada como que se limitava a ruminar, durante seculos, no obscuro presepe da tradição aristotelica, o mesmo alimento es-

[1] Lições sobre a Philosophia da Historia.

piritual. Similhante a um operario, ancioso de trabalhar, mas privado de novas materias primas, era condemnada a transformar, n'um lavor improbo mas esteril, a substancia intellectual da antiguidade. Sobrava engenho, mas falleciam ao entendimento os seus poderosos instrumentos actuaes, mas era mingoado o peculio de noções, excavadas dos inexhauriveis thesoiros naturaes. Que, pois, era mister que emprehendessem os sabios e os pensadores, que vinham impor a vindicta da liberdade no pensamento servo e encadeado ao cepo da viciosa philosophia? Á diuturna tyrannia da metaphysica, sob as suas fórmas variadas desde o neo-platonismo dos primeiros seculos christãos e o aristotelismo arabico até ás subtilezas da escholastica, era necessario oppor a obstinada reacção da sciencia experimental, ao idealismo da razão febricitante o realismo salutar da natureza. A edade média tinha cerrado os olhos ao universo e concentrado nos livros a sua improductiva meditação. Era necessario, não como o desejava Rogerio Bacon em pleno seculo XIII, entregar ao fogo os livros de Aristoteles, mas abrir á luz o livro da natureza; renunciar ao descobrimento da verdade nos certames e disputações da dialectica, torneios sem victoria e sem tropheos, e buscal-a nos observatorios como Keppler e Copernico, nos amphitheatros como Fallopio Mundini e André Vesalio, nos gabinetes experimentaes como Torricelli, Pascal e Galileo. Era necessario pedir a verdade, não á arte syllogistica, aos textos de Aristoteles, de Avicenna e de Averrhoes, mas perguntal-a ao telescopio, inquiril-a do escalpelo, interrogal-a ousadamente nos apparelhos experimentaes.

A philosophia de Bacon representava esta audaz e maravilhosa reacção. A bandeira que haviam hasteado timidamente os *nominalistas* desde Roscellin e Abeilard até Guilherme de Occam na meia edade, e depois Pedro Ramus, Giordano Bruno, Cardano e Campanella, Bacon a desfraldava aos quatro ventos, appellidando a humanidade á cruzada generosa da verdade. A divisa do seu pendão era o primeiro aphorismo com que Bacon abria o *Novum Organum*, escrevendo: «o homem, que é o ministro e o interprete da natureza, sómente póde fazer e comprehender quanto real ou mentalmente observou em relação á ordem do universo. Fóra d'isto não póde nem sabe nada [1]».

O eminente serviço prestado por Bacon ao entendimento, á civilisação, á philosophia, cifrava-se n'esta persistente intolerancia, com que elle perseguiu as intempestivas e erroneas abstracções da metaphysica, e no empenho enthusiasta com que soube preconisar a fecunda influição dos processos experimentaes.

Um dos homens mais illustres que honraram as letras inglezas no seculo XVIII, Addison, o benemerito ministro da rainha Anna, o celebrado auctor do *Catão*, o engenhoso *humorista* do *Spectator*, publicou n'aquelle periodico litterario um quadro em que bosqueja, em traços breves, mas expressivos, o perfil do seu illustre compatriota: «Um dos engenhos mais vastos e de melhor cultura, de quantos tem florescido entre nós ou em nações estranhas, era o do cavalheiro Francisco Bacon, ou lord Verulam. Este grande homem, pelo vigor extraordinario e amplidão do seu talento e por estudos infatigaveis, taes e tão opulentos thesoiros de sciencia havia accumulado, que era impossivel contemplal-o sem espontanea admiração. Parecia que Bacon havia depositado na memoria tudo quanto se continha nos livros antes d'elle publicados. Achando, porém, que tudo isto era pouco, abriu tamanho numero de caminhos ao cultivo das sciencias, que nenhum homem, por dilatada que a existencia lhe sorrisse, a todos poderia percorrer. D'aqui proveiu que Bacon se limita, porque assim o digamos, a traçar a superficie, a exemplo do que praticam os navegantes, os quaes das costas e promontorios que lhes eram até então desconhecidos, se contentam em debuxar ligeiramente as linhas e contornos, deixando encommendada a perfeição das suas cartas aos que depois houverem de marear nos mesmos rumos». [1]

Um dos mais profundos sabios que n'este seculo illustraram a astronomia, Wiliam Herschell, cujo nome é pronunciado com summa veneração entre os que cultivam em todo o mundo as sciencias da natureza, resume n'estas palavras o seu juizo ácerca do chanceller: «Foi o immortal Bacon, diz elle, quem enunciou e desenvolveu este grande e fecundo principio: que a philosophia se compõe, em primeiro logar, de uma serie de generalisações inductivas, as quaes, principiando por noções particulares circumstancialmente estabelecidas, se transformam depois em leis universaes ou axiomas que abrangem no seu enunciado todos os graus inferiores da generalidade; em segundo logar, de uma serie correspondente de raciocinios inversos pelos quaes se desce das leis geraes aos factos particulares... [2] Póde asseverar-se que antes da publicação do *Novum Organum* de Bacon, quasi não existia a philosophia natural, na accepção rigorosa da palavra [3]. Copernico, João Kepler, Galileo, haviam appellado para os factos. Os seus descobrimentos condemnaram, sem appellação, os erros da philosophia aristotelica. Restava porém provar de que maneira se havia enganado, apontar os pontos vulneraveis do seu systema, e substituir em seu logar um corpo de doutrina, consentanea á boa razão. Foi esta empreza a que tomou sobre seus hombros o illustre chanceller, que ha de ser por todos os vindoiros considerado como o reformador da philosophia, ainda que pouco fosse o que elle por seu trabalho accrescentou ás verdades physicas [4], e não obstante não terem sido as suas idéas inteiramente immaculadas de alguns erros, devidos antes á ignorancia do seu tempo do que á estreiteza de suas proprias concepções... Não é o haver introduzido nas sciencias o raciocinio de inducção, como processo novo e desusado, que constitue o merito de Bacon e que principalmente o recommenda e caracterisa; é a sua perspicacia, o seu enthusiasmo, a confiança com que elle inculca a sua philosophia como o alpha e o ómega da sciencia, como a unica e extensa cadeia que liga as verdades physicas, e como a chave de todos os modernos descobrimentos... [5]»

Na serie dos homens illustres que em todos os seculos tem marchado adiante da humanidade, meneando o facho brilhante do talento e dissipando as trevas que envolvem a intelligencia, no cortejo esplendido em que a civilisação se representa personificada pelos vultos heroicos da sciencia, no préstito em que desfilam os sacerdotes enthusiastas da razão, concedamos um logar de honra a Francisco Bacon, e reputemol-o como o fundador d'este moderno morgado intellectual, a cujos successores incumbe, em nome de toda a humanidade, arrotear successivamente o campo infinito das sciencias, e decifrar nos archivos do universo as leis imprescriptiveis da natureza.

J. M. LATINO COELHO.

[1] «Homo naturæ minister et interpres tantum facit et intelligit, quantum de naturæ ordine re vel mente observaverit; nec amplius scit aut potest». *Nov. Organ.* Liv. I. Aphor. I pag. 279 da edição já citada.

[1] *The Spectator or the modern Socrates*, t. V num. LXV.

[2] Sir William Herschell's *Discourse on the study of natural philosophy*. Part. II, cap. III, § 96.

[3] Ibid. § 97.

[4] Um ou outro exemplo se póde citar de haver Bacon por sua propria investigação lançado os fundamentos de algumas verdades physicas. Tal é o que se lê na sua *Historia Ventorum*, ácerca dos ventos considerados nas suas relações com a temperatura e com os meteoros aquosos. Vid. Humboldt. *Cosmos*, trad. franç. de Faye, t. II. pag. 408.

[5] Sir William Herschell's *Discourse on the study of natural philosophy*. Part. II, cap. III, § 105.